— Gesta da Raça —

Por António Sardinha

Slhi

— Iluminadora —

À hora em que o trabalho se abandona,
sentada em tua torre com nobreza,
tu ès rezando, ó velha Iluminadora,
a bôa avó da terra portuguêsa!

Nome de pergaminho que emociona,
desses de grande inicial acesa,
não há nenhum assim de antiga dona
tão belo como o teu em singeleza!

Passas as contas, gótica senhora...
E enquanto a luz se extingue sonhadora,
tu ficas-te suspensa a contemplar.

Não sabes bem dizer o que tu sentes.
Isso que importa? As lanças reluzentes
darão um dia forma ao teu pensar!

— Soneto da Conquista —

Ó grandes cavalleiros afonsinos,
bailando nos terreiros da capella,
deixai moças da Maia e verdes pinos,
que é tempo agora de saltar p'ra a sella!

E rompe a galopada ao som dos sinos
— e galga matagais que a morte gela.
Os que tornarem, graves peregrinos,
irão ~~[illegible]~~ depois em ~~[illegible]~~ voto a Compostella.

"Por Santiago!" E a terra se dilata.
O Tejo na distancia é como prata,
a cuja orla a noite se detem.

Brilha o sinal de Christo sobre os peitos.
E os cavalleiros, sempre insatisfeitos,
voltam scismando no que está p'ra a-
lem...

— Velho cantar —

~~[illegible]~~

No verde figueiral, no figueiredo,
— no verde figueiral um dia entrei!
Tais duas meninas, como num degredo,
fôram os figos que eu ali achei!

"Meninas lindas, de rostinho quedo,
quem vos maltratara e vem tão devora-
lei?.."
— Ai, figueiral, meu rico figueiredo,
valha-me o ramo que em de ti cortei!

~~Ai~~ Ai, figueiral, meu figueiredo ~~amigo~~ amigo,
que é das meninas do romance antigo,
mais saborosas que o jantar do Rey?

Eram [illegible] ~~[illegible]~~ outros: — eu os tirei cantando!
Mas não me quis nenhuma desvelando
por quem no figueiral um dia entrei!

— O foral —

"In nomine Dei Patris...." e começa
o vetusto e já cansado pergaminho.
Ainda é tempo de bruma espessa,
ainda o mouro é um vizinho!

Ganhou o Rey a vila. E sem que o peça,
deu-lhe foral em mostras de carinho.
Tributos, de os pagar, não tenha pressa,
— e cobre mais um tanto sobre o vinho.

Virá de Santarem ou Salamanca
(Mestre Herculano, vê se o descortinas!)
a geração longínqua do foral?

Assim, desfeito, a letra quase branca,
vai dando a certa vila entre colinas,
mais velha do que o velho Portugal!

V

— Portucale —

Junto do rio, o burgo amuralhado
contempla as aguas com profundo gozo,
— torres christãs, romanico portado,
e o castro ao cimo, verde e pedregoso.

Um coração que bate compassado
lembra, batendo, o velho burgo ansioso.
E o burgo oscila, como que embarcado,
— oscila sobre as águas em repouso.

Chamou-se ~~Portus Cale~~ Portucale o burgo antigo.
A' flor das ondas, a scismar comsigo,
é terra ainda e já pertence ao mar.

Nasceu depois um reino pequenino.
E porque herdou do burgo o seu destino,
tomou-lhe o nome, ao ir-se baptizar!

VI

— O nobiliário —

Começa a geração em D. Fruella.
E vem depois um conde incerto e vago
que numa noite negra de procella
filhou a moça que ia a Santiago.

Do gótico barão, por via della,
outro barão nasceu maior que um drago.
Foi tronco de robusta parentella
e diz o nobiliário que era gago.

Seguem-se algumas folhas já roídas,
onde nos faz menção de tantas vidas
a tinta já sem forças, amarela.

E é tudo quanto resta, por ventura,
do gótico barão que em noite escura
filhou a moça que ia a Compostela!

S|hi

VII

— Poema dos vilões —

Eu cantarei os velhos povoadores,
— gente ~~dos~~ do homizio e verde vilanagem,
que, á sombra dos castellos protectores,
foram lavrando todo o chão selvagem!

Por seu poder de eternos semeadores,
as vilas se enraizaram na paisagem.
E em vindo a primavera, sonhadores,
lá iam ~~p~~ p'ra o fossado, — p'ra a lavragem!

Ninguem lhes sabe o nome ingénuo e tosco.
Mas quando o pão nos santifica a mesa,
são esses bons avós que estão comnosco!

Sem elles, tristes, a puxar o arado,
a nossa terra, — a terra portuguêsa,
ficava ~~seria~~ sempre um negro descampado!

VI9

— A redondilha —

Quando nasceu ao pé do verde pinho,
ainda Portugal, se não me iludo
era um condado incerto e pequenino,
sem Quinas nem castelos sobre o escudo!

Tanto sorri nos ~~anti~~ Auto vicentino,
como soluça num cantar miúdo...
Será talvez mais velha que imagino,
— mas que leveza não depôe em tudo!

Barão portugalês da Reconquista,
ou homem laico do Senhor Infante,
— o mesmo sonho a vida nos embala...

Qualquer que seja a alma em que ele assista,
— guerreiro, trovador ou navegante,
é sempre a redondilha a sua fala!

António Sardinha